

1

INTRODUÇÃO

“Mãe amorosa, a Europa afligiu-se com a sorte. das suas terras extremas, a ocidente. Por toda a cordilheira pirenaica estalavam os granitos, multiplicavam-se as fendas, outras estradas apareceram cortadas, outros rios, regatos e torrentes mergulharam a fundo, para o invisível. Sobre os cumes cobertos de neve, vistos do ar, abria-se. uma linha negra e rápida, como um rastilho de pólvora, para onde a neve escorregava, e desaparecia, com um rumor branco de pequena avalanche.

[...]

É que, concluamos o que suspenso ficou, por um grande esforço de transformar pela palavra o que talvez só pela palavra possa vir a ser transformado, chegou o momento de dizer, agora chegou, que a Península Ibérica se afastou de repente, toda por inteiro e por igual, dez súbitos metros, quem me acreditará, abriram-se os Pirenéus de cima a baixo como se um machado invisível tivesse descido das alturas, introduzindo-se nas fendas profundas, rachando pedra e terra até o mar.

[...]

Então, a Península Ibérica moveu-se um pouco mais, um metro, dois metros, a experimentar as forças. As cordas que serviam de testemunhos, lançadas de bordo a bordo, tal qual os bombeiros fazem nas paredes que apresentam rachas e ameaçam desabar, rebentaram como simples cordéis, algumas mais sólidas arrancaram pela raiz as árvores e os postes a que estavam atadas. Houve depois uma pausa, sentiu-se passar nos ares um grande sopro, como a primeira respiração profunda de quem acorda, e a massa de pedra e terra, coberta de cidades, aldeias, rios, bosques, fábricas, matos bravios, campos cultivados, com a sua gente e os seus animais, começou a mover-se, barca que se afasta do porto e aponta ao mar outra vez desconhecido.”

_ José Saramago. A Jangada de Pedra.

Desculpe, leitor, pela longa epígrafe que inicia este trabalho. O objetivo dela é apresentar-lhe uma das mais recentes revisitações do tema dos “Descobrimentos” – este que é um dos mais fortes elementos formadores da moderna identidade nacional portuguesa, como prova a importância conferida a esse tema histórico, cujo aparecimento é recorrente na literatura portuguesa. Apenas para citar três desses literatos de maior importância, de períodos históricos distintos, podemos falar de Luis de Camões, que produziu *Os Lusíadas* no século XVI, estando temporalmente muito próximo dos fatos que narra; Fernando Pessoa, um poeta moderno, mas, ao mesmo tempo, carregado de misticismo, romantismo e nacionalismo, o qual escreveu diversos poemas sobre o tema, como *Mar Português* (Ó mar salgado, quanto do teu sal / São lágrimas de Portugal...), publicado na obra *Mensagem* do início do século XX; e José Saramago, o atualíssimo escritor lusitano, em uma obra como *A Jangada de Pedra*, de onde foi extraída a epígrafe que abre este capítulo. A “Jangada de Pedra” da obra de Saramago seria a própria Península Ibérica, que, em sua narrativa fantasiosa, ter-

se-ia “desprendido” da Europa e “flutuaria” sem destino pelo oceano Atlântico. Saramago parece estar falando da sua própria nação, cuja razão da existência muitas vezes pareceu ser o lançar-se ao mar.

O tema está inscrito no próprio hino português, que já inicia: “Heróis do mar, nobre povo...” Esse tema desdobra-se ainda mais na seguinte seqüência: “Brade a Europa à terra inteira: / Portugal não pereceu / Beija o solo teu jucundo / O Oceano, a rugir d'amor, / E teu braço vencedor / Deu mundos novos ao Mundo!”

Pensadores de diferentes áreas e com trajetórias intelectuais diversas já se dedicaram com afinco a esse tema, que obviamente não poderia ser alheio à Historiografia portuguesa. Longas páginas têm sido escritas sobre os Descobrimentos pelos historiadores portugueses, sendo esse um dos objetos de estudo mais visitado e discutido. O reconhecido papel da História na construção da identidade nacional deve ser lembrado para provar a importância deste tema na formação da mentalidade portuguesa.

Neste trabalho pretendo acompanhar as reflexões historiográficas do historiador português Joaquim Barradas de Carvalho sobre o tema dos Descobrimentos e procurar demonstrar como as conclusões desse autor se aproximam dos seus projetos e posições políticas.

Para as reflexões desenvolvidas aqui estaremos interessados principalmente pela vida de Barradas durante o seu exílio no Brasil – entre 1964 e 70, especialmente durante sua atuação como professor na USP –, período considerado pelo próprio autor como um dos mais férteis para suas reflexões. É nesse intervalo de tempo que se dá a confecção de duas das suas mais importantes obras, sobre as quais nossa análise recairá mais fortemente: *Rumo de Portugal (A Europa ou o Atlântico)*¹ e *O obscurantismo salazarista*², ambas de 1974³.

¹ Horizonte. Lisboa, 1974.

² Seara Nova. Lisboa, 1974.

³ É preciso observar que, embora ambas as obras tenham sido publicadas em Portugal, após o 25 de Abril e após o retorno de Barradas, nos parece claro que a estadia no Brasil foi essencial para a confecção de ambas. Isto é incontestável quanto ao *O obscurantismo salazarista*, uma coletânea de artigos originalmente publicados no Brasil. Quanto ao *Rumo de Portugal*, é o próprio Barradas quem reconhece, na introdução deste livro, a importância do período de exílio no Brasil para sua confecção. Segundo ele data deste período o nascimento das reflexões mais tarde sistematizadas em forma de texto.

Rumo de Portugal é, a um só tempo, uma análise historiográfica – centrada principalmente no Renascimento Português, que é visto como fruto da experiência da expansão marítima – e uma obra panfletária, onde Barradas expõe o seu projeto para o futuro de Portugal. Publicado na era pós-salazarista, o texto pretende guiar o país, agora liberto das amarras da ditadura, em direção a sua verdadeira vocação: o Atlântico. Diante da alternativa de integração ao resto da Europa, Barradas apresenta a sugestão da criação de uma comunidade luso-brasileira, e argumentando em favor desse projeto, eleva o período dos Descobrimentos ao patamar de fase áurea da cultura portuguesa, um tempo que precisava, necessariamente, ser resgatado.

O segundo livro trata-se, na verdade, de uma coletânea de artigos escritos pelo autor entre os anos de 1964 e 1970, durante o seu exílio, para um jornal de oposição ao governo português chamado *Portugal Democrático*. Os textos têm a tônica de uma crônica política, onde Barradas descreve e discute as ações do regime salazarista fundamentando suas críticas à ditadura a partir de um aspecto específico: seu caráter “obscurantista” (para usar o termo do próprio autor).

Meu principal objetivo é demonstrar como a vida política (representada principalmente pelo discurso de *O obscurantismo salazarista*) e as interpretações historiográficas (representada, entre outras obras, por *Rumo de Portugal*) de Barradas estão intimamente vinculadas, e como cada um desses aspectos da sua vida se reflete no outro.

Mas, embora o objeto central deste trabalho seja a produção política e historiográfica de Joaquim Barradas de Carvalho, é importante ressaltar o quanto os objetivos ultrapassam essa simples, embora muito importante, figura. De fato, meu olhar está voltado, antes de qualquer coisa, para a cultura histórica portuguesa, especialmente no que diz respeito à compreensão da Expansão Marítima e à forma como a memória desse episódio influencia a vida política, as escolhas e a auto-apreensão de uma significativa parcela da comunidade intelectual lusitana. Nesse sentido, Barradas apareceria como mais um exemplo de uma grande corrente de eruditos portugueses que apresentam bom número de idéias e posicionamentos políticos semelhantes; uma espécie de estudo de caso. O que torna Barradas tão significativo é o duplo fato desse personagem, a um só tempo, radicalizar e explicitar algumas das concepções que seriam comuns a esse

grupo de pensadores, cujos representantes encontramos em diferentes períodos. É claro que se trata de um grupo extremamente heterogêneo, com uma enorme pluralidade de facetas que muitas vezes parecem se opor, um grupo onde cada representante, obviamente, não deixa de contribuir com a singularidade do seu pensamento tornando, assim, qualquer categorização rígida impossível. Mas pretendo demonstrar que há elementos comuns, ainda que inconscientes, que são compartilhados.

Um primeiro ponto a respeito desses elementos ideológicos compartilhados diz respeito à própria importância que a memória dos descobrimentos exerce na mentalidade portuguesa. Outro aspecto importante é a *centralidade*⁴ que os Descobrimentos ocupam na produção historiográfica. Na minha opinião, isso se deve a um aspecto da cultura portuguesa que eu chamaria, provisoriamente, de “complexo de inferioridade”. Dessa forma, um dos motivos dessa importância conferida aos Descobrimentos se encontra, em primeiro lugar, em sua magnitude histórica singular. País europeu pequeno e periférico, Portugal foi pioneiro em um processo histórico em escala mundial. Esse fato muitas vezes parece legitimar a existência do “pequeno” Portugal. É somente através dos Descobrimentos que Portugal vai figurar na “História Mundial” tradicionalmente produzida, e é somente esse período da História portuguesa que vai aparecer nos livros de “História Geral”. Um terceiro aspecto importante que cabe destacar é que a produção acadêmica a respeito desse “momento de grandeza” da História lusitana parece ter estado intimamente ligada, pelo menos nos três primeiros quartos do século XX, à defesa do Império colonial.

Assim, mesmo quando nossa investigação lança um olhar mais periférico, para além do caso específico de Barradas, ainda me parece complicado separar os aspectos políticos ou materiais da produção intelectual. Por fim, talvez o meu trabalho possa servir como mais um alerta para a artificialidade de uma perspectiva que procura catalogar a vida humana em campos distintos e estanques que são elevados ao *status* de realidade quando, na verdade, deveriam apenas servir como ferramentas para nossas reflexões.

Tendo esses objetivos como pano de fundo, três hipóteses guiam a confecção desta dissertação:

⁴ Centralidade que faz com que Barradas localize os Descobrimentos literalmente no *centro* da História portuguesa, a determinar futuro e passado.

1) A primeira hipótese está mais diretamente vinculada às crônicas políticas Barradas: a idéia é a de que a experiência do exílio no Brasil, e ainda do exílio propriamente dito, é um dos fatores que influi mais fortemente na produção da imagem que Barradas traça do Regime Salazarista e da sua própria auto-imagem enquanto intelectual.

2) A segunda responde a questões que têm um caráter mais propriamente de análise historiográfica: trata-se de uma tentativa de entender a forma singular como Barradas descreve os Descobrimentos. A hipótese é a de que, em sua caracterização desse período histórico, Barradas seja fortemente influenciado por uma mentalidade de origem sebastianista presente em um importante segmento da cultura erudita portuguesa: o “discurso decadentista”.

3) Por fim, um terceiro conjunto de questionamentos tem a função de dar coerência ao trabalho, demonstrando como há uma forte influência recíproca entre os dois principais campos de atuação de Barradas: o fazer histórico e o agir político. Neste sentido, pretendo comprovar que a Historiografia que Barradas produz, entendendo-a dentro da categoria de “ficção do presente” que Certeau nos oferece, pode ser caracterizada como uma ação política e que, por outro lado, a produção historiográfica de Barradas é organizada pelos projetos que este apresenta para a sociedade portuguesa, contemporânea e futura.

A primeira hipótese será analisada no terceiro capítulo, “A Jangada Aporta”, a segunda no quarto, “O olho do Furacão”, e a terceira no quinto, “Jogo de Espelhos”. O segundo capítulo, “As Aventuras de um Navegante em Exílio Pépetuo” cumpre a função de fornecer ao leitor dados biográficos sobre Barradas, assim como um breve histórico do salazarismo e de seus opositores no Brasil.

Para verificação destas hipóteses, este trabalho conta com um número muito amplo e diversificado de fontes. Para simplificar sua apresentação vamos dividi-las em três diferentes níveis, de acordo com a sua importância para a nossa investigação.

Em primeiro plano estão as duas obras de Barradas que formam o núcleo em torno do qual órbita toda a nossa reflexão: *Rumo de Portugal (A Europa ou o*

Atlântico) e *O obscurantismo salazarista*, que, acredito, dispensam novas apresentações. Ainda neste nível, estaria todo o resto da vasta bibliografia produzida por Barradas, em especial os textos produzidos durante seu exílio no Brasil. Além de nos oferecer uma visão mais ampla das opiniões e reflexões do nosso personagem, essas obras nos permitiram aprofundar algumas questões. Entre essas obras gostaria de destacar *Da história crônica a história ciência*⁵, livro onde Barradas faz uma análise do processo de surgimento da ciência moderna e do desenvolvimento da História como campo de conhecimento científico.

Como fontes de apoio, no segundo nível, conto também com uma série de doze entrevistas realizadas entre Dezembro de 2007 e janeiro de 2008, com pessoas que conheceram Barradas pessoalmente e conviveram com ele durante seu período de exílio no Brasil, assim como com a correspondência entre Joaquim Barradas de Carvalho e Vitor Ramos entre os anos de 1956 a 1973.

As entrevistas introduziram nesse trabalho uma série de problemas de ordem metodológica que não faziam parte dos meus planos iniciais. Essa entrada, meio forçada, em um campo de reflexões novo, não só para mim como para a historiografia ocidental de uma maneira geral, foi decorrente da dificuldade em encontrar informações sobre a vida de Barradas no Brasil. Fontes documentais sobre sua passagem por São Paulo são raras, e mesmo essas não descreveriam o tipo de detalhes que eu estava desejando: aqueles de cunho biográfico, que me permitissem traçar melhor a personalidade de Barradas e descrever suas idéias pessoais. Só as entrevistas pareciam capazes de cumprir essa função.

Mas, como já foi dito, essa opção trazia questões que não poderiam ser ignoradas. O principal problema era que esta dissertação não é, evidentemente, um trabalho de história oral, visto que suas principais fontes são textuais. Mas, de qualquer forma as informações obtidas através das entrevistas teriam uma grande importância no desenvolvimento das minhas reflexões. Por consequência, minha principal preocupação era como relacionar as fontes orais com as textuais. Outro desafio era a crítica dessas fontes, que, obviamente, traria uma problemática específica. Em uma tentativa, não de solucionar essas questões, mas de aprender a lidar com elas, eu recorri às leituras dos textos de dois livros organizados por

⁵ Horizonte. Lisboa, 1991. Também produzida durante o exílio e publicada integralmente apenas posteriormente ao retorno do autor a Portugal.

Marieta de Moraes Ferreira: *Entre-vistas: abordagens e usos da história oral*⁶ e *Usos e abusos da História Oral*⁷, organizado em conjunto com Janaína Amado.

A principal contribuição desses textos para a confecção deste trabalho foi a localização das singularidades da fonte oral:

Em primeiro lugar o reconhecimento da maior importância que a subjetividade tem na produção dos relatos orais. Essa característica foi muitas vezes usada como argumento contra a história oral pelos seus adversários. Segundo eles isso tornaria as fontes orais pouco confiáveis. Ainda que eu não acredite que tal característica invalide a história oral – afinal, eu creio que nenhuma fonte, de qualquer natureza, mesmo as documentais, pode escapar totalmente da subjetividade de seus produtores, ou mesmo de seus organizadores –, é preciso estar atento ao fato de que, em geral, os relatos orais são mais espontâneos. Neles “o objeto de estudo do historiador é recuperado e recriado por intermédio da memória dos informantes”⁸. Assim, as reflexões acerca da instância da memória, que já faziam parte deste trabalho, se fizeram ainda mais presentes no que diz respeito ao tratamento das fontes.

É preciso, no entanto destacar que essa maior subjetividade e espontaneidade das fontes orais esta longe de ser uma característica negativa. É graças a essa peculiaridade que foi possível trazer ao meu trabalho elementos e perspectivas que de outra forma estariam ausentes: os detalhes relacionados às emoções e à vida cotidiana.

Uma segunda singularidade das fontes orais que importa destacar é o papel que o pesquisador (nesse caso, eu) exerce na produção dos documentos. As entrevistas são o resultado de um diálogo entre o entrevistador e o entrevistado. Se por um lado isso nos leva “a afastar-se de interpretações fundadas numa rígida separação entre sujeito/objeto de pesquisa”⁹, por outro lado é preciso ter em mente que a documentação que uso foi, em alguma medida, produzida por mim. Afinal, embora seja o entrevistado que dê as respostas, é o historiador que elabora as perguntas e conduz a entrevista, e faz isso, certamente, com suas hipóteses em mente. Para minimizar esse efeito negativo quando confeccionei o roteiro para as entrevistas procurei elaborar perguntas que apelassem para a memória pessoal do

⁶ Ed. Fundação Getúlio Vargas. Rio de Janeiro, 1994.

⁷ Ed. Fundação Getúlio Vargas. Rio de Janeiro, 2002.

⁸ *Usos e abusos da História Oral*. Idem.

⁹ Idem.

entrevistado e, que, por sua natureza, evitassem respostas curtas e mecânicas¹⁰. Na realização das entrevistas evitei conduzir as respostas, deixando os entrevistados exporem suas recordações livremente. Procurei usar o roteiro previamente elaborado apenas como uma orientação, evitando transformá-lo em um esquema rígido e inescapável, que sufocaria a espontaneidade das contribuições dos entrevistados e acabaria por orientá-lo a confirmar minhas hipóteses.

Assim, o reconhecimento dessas duas singularidades me permitiu fazer uma crítica satisfatória dessas fontes orais e das suas relações com as fontes de natureza diferente usadas nesta dissertação.

Por fim, com o objetivo de desenhar, ainda que de forma superficial, a enorme rede de influências na qual o pensamento de Barradas se insere, devemos entrar em contato com obras de diferentes intelectuais, historiadores ou não, portugueses ou não, que de alguma forma dialogaram com ele.

No campo teórico-historiográfico mapeei três grandes campos de influência no pensamento de Barradas: o primeiro é composto pelo grupo de historiadores franceses conhecido como Escola dos *Annales*, destacando-se os nomes de Febvre e Bloch (sobretudo o primeiro), da geração mais antiga, assim como Braudel, Mauro e Robert Ricard, na geração mais nova. O segundo grupo são os teóricos marxistas, destacando-se Althusser. Por fim temos o grupo que optamos chamar de “Escola Portuguesa”, composto pelos historiadores lusitanos que mais fortemente contribuíram para a formação de Barradas. Este é, para este trabalho, o grupo mais importante, pois é aqui que irei mapear a presença do “discurso decadentista”, ao qual me referi na formulação da segunda hipótese¹¹. Neste campo me concentrei mais detidamente nos trabalhos de Oliveira

¹⁰ As perguntas apresentadas no Roteiro foram as seguintes:

- 1) Em que condições o senhor(a) conheceu Joaquim Barradas de Carvalho?
- 2) Como era a sua relação com ele?
- 3) O senhor(a) poderia descrever a rede de relacionamentos de Barradas no Brasil, seus amigos pessoais e colaboradores, assim como seus críticos?
- 4) Como o senhor(a) acha que Barradas via e se sentia em relação a sua condição de exilado político?
- 5) Para Barradas qual era o papel político do intelectual?
- 6) Como era a relação de Barradas com o recém-instalado Regime Militar Brasileiro?
- 7) Quais eram as principais críticas de Barradas ao Regime Salazarista?
- 8) O senhor(a) poderia falar um pouco sobre a atuação de Barradas como professor e pesquisador durante seu exílio no Brasil?
- 9) Para o senhor(a) quais influências historiográficas eram mais fortes na obra de Barradas?
- 10) Para o senhor(a) qual é a importância e contribuições de Barradas para a historiografia nacional?

¹¹ Ver figura na página 135.

Martins, Antero de Quental, Alexandre Herculano, Antônio Sérgio e Jaime Cortesão.

No entanto a própria natureza desse trabalho nos leva a procurar outros textos, especialmente os de cunho literário, que possivelmente exercem uma influência menos explícita na produção de Barradas. Isso nos traz dois grandes problemas: o primeiro é que, obviamente, o número de obras que teriam sido absorvidas inconscientemente pelas reflexões de Barradas seria, em virtude da sua amplitude, incatalogável. O segundo problema diz respeito ao fato de não encontrarmos referências diretas a essas obras. No espírito cauteloso que a história do pensamento de Skinner nos ensina deveríamos olhar com suspeita qualquer suposta influência que não apareça com bastante clareza.

Como forma de resolver esses dois problemas pretendo limitar, na medida do possível, a referência a duas fontes com esse caráter: *História do Futuro*, do padre Antonio Veira e *Mensagem*, de Fernando Pessoa. Essas são, sem dúvida, obras da literatura portuguesa amplamente conhecidas em âmbito nacional e, até mesmo mundial. Seria difícil imaginar que alguém com a trajetória intelectual de Barradas não tenha, em algum momento, entrado em contato com essas duas obras – ainda que indiretamente. É óbvio que algumas centenas de outros livros, de importância e projeção comparáveis poderiam ser incluídos na nossa análise. Infelizmente as limitações humanas de trabalho não nos permitem acrescentar mais títulos. Confesso que nessa pequena seleção fui arbitrário. Entretanto, como não encontrei meios para observar o impacto que cada uma, do grande número de diferentes obras literárias, a disposição de qualquer português bem educado, teria exercido sobre Barradas, não encontrei outra solução além de ser arbitrário. Mas, afinal, nós historiadores não temos aprendido que grande parte do nosso trabalho é composto por arbitrariedades?